



## COM MEDO DOS ALUNOS

Miriam Pires Corrêa de Lacerda - PUCRS

Bolsista PNPd - CAPES

### Resumo:

O presente trabalho recorte de uma tese de doutorado situa-se no conjunto de investigações que têm se dedicado à problemática da produção de novas formas de subjetivação em funcionamento nas sociedades. O recurso de uma cartografia possibilitou à pesquisadora percorrer os movimentos dos envolvidos na investigação. Para tanto, sem pretensão de produzir conhecimentos absolutos, analisou uma reportagem da Revista Veja (Edição 1904 de 11/5/2005) e buscou através da escuta dos participantes do estudo, permitir que se explicitassem conteúdos e significados que vão sendo produzidos no jogo da linguagem, sempre politicamente interferido. Acreditando-se que a relação com o texto suscita um espaço agonístico onde proliferam sentidos sobre as juventudes, espera-se contribuir para que, a partir da garantia de espaços de reflexão e de discussão se possa reconhecer a diversidade dos modos de existir como jovem, no mundo contemporâneo. Destaca-se que, entre outras, razões, o investimento aqui proposto poderá oferecer elementos que contribuam para a desconstrução de um sentido universal de juventude, ainda hoje presente na escola.

**Palavras-chave:** Juventudes, Professores; Escola.

### Para início de Conversa...

A reportagem “Com medo dos alunos” foi publicada, pela Revista “Veja<sup>1</sup>”, e traçou uma inquietante imagem dos jovens brasileiros ao descrevê-los como indisciplinados, agressivos, violentos, sem limites, desrespeitosos, desafiadores...

Pode causar estranheza o fato de que passados vários anos da divulgação do referido artigo, se volte a ele para pensar na forma como a juventude brasileira continua sendo narrada em distintos espaços. Assim, justifico a escolha não só por entender que se constituiu em um marco diferenciado ao investir fortemente na criação de uma determinada figura de jovem – avesso às regras e combinações - mas pelos efeitos que permanecem reverberando ao longo do tempo.

---

<sup>1</sup> A escolha dessa Revista deveu-se ao fato de reconhecer o poder de circulação deste periódico e o impacto do que veicula sobre o discurso cotidiano de uma certa parcela da população. Quero sublinhar que a escolha da reportagem não pretendeu analisar a Revista, mas sim um texto, que em meu julgamento pode ser tomado como exemplar de uma forma que vem sendo utilizada para falar dos jovens.

A escrita deste artigo foi atravessada por dois processos distintos. No primeiro movimento, dediquei-me a examinar o texto da Revista e, ao fazê-lo, busquei entender as formas de endereçamento utilizadas, quando da escrita da reportagem. Perguntei-me: Qual o leitor pretendido por este texto? E não pude deixar de implicar-me na condição de leitora/ouvinte. No segundo movimento, percorri os efeitos dos textos, a partir da escuta sensível que fiz nos grupos focais, nas rodas de conversa, na vivência como orientadora educacional e professora. Perguntei-me: Quais os efeitos que esse texto provoca no leitor e que movimentos são desencadeados a partir disso? Para melhor analisar os impactos provocados junto a educadores (pais e professores) e jovens optei por sustentar minha análise, ancorada em quatro linhas de força. São elas: a Incorrigibilidade, a Vontade Moralizadora, o Ressentimento e Má Consciência e, a Nostalgia da Lei.

### **A Incorrigibilidade**

O convívio com alunos, pais e professores tem me permitido observar que muitos docentes constroem uma imagem de aluno, associada ao que acreditam que o jovem deveria ser (estudioso, atento, respeitoso...). Essa desarmonia entre o “pensar” sobre quem deve ser o aluno e os alunos que “se apresentam” diante deles, leva-os a descrevê-los, quase invariavelmente, pelo signo da falta, do que julgam que todos os jovens deveriam apresentar e possuir.

A visão apocalíptica para descrever as relações que se estabelecem entre a escola, os professores, os jovens e as suas famílias parece ter contaminado o discurso onde quer que ele seja proferido. Em um jogo que busca encontrar os culpados por “tamanho descalabro”, rumoreja a língua, apontando ora um, ora outro, como possível responsável pelo desequilíbrio, em um contínuo exercício, o qual, de tão linear, beira a leviandade de leitura, pois nega a complexidade do fenômeno que se apresenta diante de todos nós. Os distintos atores da ciranda pedagógica (professores/pais /alunos) vão mostrar formas divergentes de escutar uma mesma situação: Assim, significativo número de professores aponta na direção de uma insustentável relação com sujeitos, tanto na rede pública quanto particular, descritos como individualistas demais, alienados em excesso, pouco preocupados com o que acontece ao seu redor, pouco atentos aos valores que os adultos em especial, os professores, ainda cultuam como universais.

Desconcertados, face à ineficiência de antigos padrões de relacionamento, quando o assunto é capturar a atenção dos jovens sentados a sua frente nas salas de aula, os professores relutam em admitir que estejam diante de uma nova forma de laço social, pautada muito mais

na horizontalidade. Tal mudança implica aceitar o fato de muitos desses jovens não mais carregarem bandeiras de luta, apresentando, conforme se queixam os seus mestres, uma resistência em se envolver com “grandes causas”, com as quais os adultos embalaram os sonhos e mobilizaram ações em sua geração. O depoimento de um professor é exemplar, nesse aspecto:

*P1- Eu era organizado com o material escolar e informado a respeito da trajetória política brasileira e a trajetória do país. Era feliz! Independente quanto escolha profissional.*

*Os jovens de hoje tem uma visão única a respeito do contexto social, falta-lhes consistência argumentativa para suas opiniões. Mostram-se dependentes da família e do grupo social. São angustiados, parecem sem objetivos e são carentes de afeto (PEPu)<sup>2</sup>*

O extrato acima permite evidenciar a maneira como o texto, que ora analiso, operou no segmento professor. Nesse segmento, a juventude é, insistentemente, tomada a um só tempo como universal e como um problema. Quando isso ocorre, cria-se um campo propício para que as análises monolíticas da realidade e da cultura juvenil preponderem.

Ouvindo professores, pais e alunos, de distintos segmentos socioeconômicos foi possível constatar quão variada é a expressão das juventudes. Jovens, membros de uma sociedade globalizada, socializam-se em diferentes territórios institucionais, rompendo com o imaginário “sujeito universal”. Esses mesmos sujeitos operam com extrema intimidade com as novas tecnologias de informação e comunicação e, ainda, constroem vínculos a partir de lógicas mais sintônicas ao que Bauman (2007 p. 11) refere como “ligações frouxas e compromissos revogáveis”. Essas juventudes trazem, também, inscritas as marcas de um tempo caracterizado bem mais pela transitoriedade, pelo nomadismo, pela multiplicidade, pelos desvios de rotas previamente traçadas, por isso não cobram tanta permanência e se reconhecem mutantes. Na realidade, são sujeitos capazes de encontrar brechas para escapar das armadilhas de um currículo que lhes propõe “uma” subjetivação desejada e, por tudo isso, jovens que nos desafiam a pensar nas classificações a que estamos acostumados.

Reconhecer mudanças na forma como se constituem as juventudes implica em ser capaz de desistir de prantear o “jovem universal”, muitas vezes, narrado aos futuros professores durante os anos de sua formação, e que, lamentavelmente, não abandona a todos

---

<sup>2</sup> A partir de agora, passarei a utilizar as falas recolhidas a partir das escutas. Ao início dos diálogos encontra-se a letra P, que não remete à identidade, mas sim, às posições de enunciação. Com tal providência, demarcamos que existe variação na posição de sujeito.

Aparecerão também ao final de cada extrato, entre parênteses, as abreviaturas permitem saber a respeito de meus interlocutores: (PEPu) Professor da Escola Pública, (PEPa) Professor da Escola Particular, (PaEP) Pais Escola Pública, (PaEPa) Pais de Escola Particular, (JEP) Jovem Escola Pública, (JEPa) Jovem Escola Particular.

após a formatura. Encontrar novas e criativas modalidades de relacionamento com um aluno que é muito diferente do que fomos nós, é um dos importantes desafios postos aos professores do século XXI. No entanto, a mim interessa outro grupo de docentes: aqueles que aceitam o desafio que lhes é colocado reconhecendo que os jovens apresentam especificidades que necessitam consideração e, por isso mesmo, ao analisar o seu repertório de práticas, se dão conta que elas não são adequadas às demandas ora emergentes em suas salas de aula. Tais professores que, corajosamente, se esforçam em fazer o luto pelo aluno ideal, talvez não sejam muitos, mas eu tive o privilégio de encontrar-me com alguns deles.

Vejamos, através do extrato capturado em um conselho de classe, do qual participavam professores, a Coordenadora Pedagógica (CP) e a Orientadora Educacional (OE) como se polarizam as discussões quando o assunto é definir estratégias para manejar a conversa dos alunos durante as aulas.

*P1 - Que alternativa poderíamos utilizar para resolver o problema da conversa em sala de aula?*

*P2 - Eu acho que temos que fazer o Espelho de Classe<sup>3</sup> e todo mundo tem que cobrar.*

*P3 - Eu concordo!*

*P4 - O problema é que eles não têm limites!*

*P1 - Então vamos combinar juntos algumas regras e todo mundo vai cobrar a mesma coisa.*

*P2 - Eu não concordo. Cada disciplina tem as suas características. De repente, para mim, pode não ser bagunça o que para outro professor é. Para minha aula é preciso que eles, muitas vezes, trabalhem em grupo. Eu não conheço trabalho em grupo sem movimentação e ruído na sala. Acho que a solução não passa por espelho de classe. Alguma outra coisa tem de existir!*

Observe-se o jogo que se estabelece: Em um professor, a sugestão do “Espelho de Classe” provocou estranhamento, um verdadeiro curto circuito. Esse movimento fez com que se interrompesse o projeto de convencimento de uma realidade com a qual, alguns deles, não concordam. Reflexo e reflexão colocam-se no campo de luta. O primeiro tentando impor uma forma naturalizada de ver. O segundo, em campo adversário, mobilizando as resistências que, postas a serviço da reflexão, atuam no sentido contrário, fomentando uma atitude política.

---

<sup>3</sup> Espelho de Classe consiste em um dispositivo bastante usado para proceder a distribuição dos alunos em sala de aula. Preferencialmente, colocam-se lado a lado aqueles que por terem menos afinidade entre si, teriam menos chances de conversar, brincar ou atrapalhar a aula. O espelho de classe guarda estreita semelhança com a técnica das distribuições referida por Michel Foucault (1987), em “Vigiar e Punir”.

Em meio a isso, por seu turno, os jovens referem à distância abissal das propostas da escola ao cotidiano de suas vidas. Assim, quando questionados a respeito dos possíveis impactos da reportagem sobre o público adulto leitor da revista, os sujeitos alunos manifestaram preocupação com a forma como estavam sendo narrados, pois entendiam que as descrições ali contidas seriam potencialmente capazes de gerar constrangimentos para eles.

A seguir, dois excertos recolhidos, respectivamente, com alunos da Escola Pública (P1) e da Escola Particular (P2).

*P1 - Eles nos criticam... falam muita coisa...a gente se sente mal assim, sabe...Que mesmo não sendo nós ...esses alunos que botam tarraxinha no banco, botam cordão para os professores tropeçar ...essas coisas, não somos nós. Mas nós ficamos assim... Ah... são os jovens , nós se incluímos entre os jovens ...Daí quem vai ficar mal falado?*

*P2 - Eu acho que nessa reportagem eles tão falando tanto da escola privada quanto da pública. Sabe... Tão mostrando num geral e querendo falar mal de todos os alunos. Mas eles (os professores) como são? Tão certos... tão normais... sabe... .*

As representações postas em circulação, ao oferecer sentido às subjetividades sociais e culturais, conformam-nas de uma determinada forma. Isso se dá pela insistência em tomar o particular como geral. Na esteira de Hall (2001), podemos dizer que damos sentido às coisas pelo modo como as representamos, pelas palavras que usamos, as histórias contadas sobre elas e os valores a elas atribuído.

Especificamente em relação à escola, tal como a concebe um número significativo de participantes do grupo de professores da escola particular, parece que ela se transformou:

*P1 - [...] num espaço mais social se comparado com outras épocas. Quando digo social estou falando de ponto de encontro e não lugar de aprendizagem. Os professores e pais não são mais modelos e sim os ícones da mídia. Estamos diante de uma geração de direitos, sem deveres (PEPa).*

### **Vontade moralizadora**

Falar da escola e de sua vontade moralizadora implica contextualizar essa Instituição Moderna, por excelência. Em primeiro lugar, tal como a infância, ela não é natural. Foi em um contexto socioeconômico e político de grandes mudanças que se gestaram as condições de possibilidade que permitiram o surgimento da escola na Modernidade. Essa escola, gradativamente, estenderá o seu raio de ação de sorte a abarcar todas as crianças e os jovens. Uma ação que, inicialmente, focou-se no sujeito-aluno, com a separação dos grandes e dos pequenos (para evitar toda e qualquer possível interferência danosa). Evoluiu, então, para um

verdadeiro esquadramento de ações, o que implicou na criação de dispositivos de constante vigilância. Nos colégios de então, instituiu-se um rígido processo de controle de pensamentos, palavras e atos dos alunos, que, muito semelhante à confissão, apropriou-se não apenas do corpo, mas imaginou governar a alma.

Assim, a escola moderna, desde os seus primórdios, conferiu especial atenção aos aspectos diretamente relacionados à dimensão do controle, tanto na perspectiva temporal quanto na espacial. Sobre tal dimensão, recaía a quase totalidade das ações da pedagogia, em um alinhamento aos estágios pensados para a educação do homem que, posteriormente, Kant, no século XVIII, veio a propor em “Sobre a Pedagogia”. A proposta de uma educação moralizadora implicará em uma verdadeira forclusão de tudo o que for da ordem da paixão. Isso porque a formação do “bom caráter” implica não só domar a selvageria, mas ainda ter coragem para nos privarmos de algumas coisas. “Sustine, abstine: essa é a maneira de se preparar, para uma sábia moderação. [...] Sustine quer dizer suporta e acostuma a suportar” (KANT, 1996, p 92). Talvez por essa via, possamos entender porque Kant, antes de Freud apontou a educação como uma das tarefas mais difíceis que o homem se impôs.

Reproduzindo aqui alguns dizeres ouvidos nas salas de aula, tais como: *Mas o que é isso? O que é que tu estás pensando? Mas onde é que nós estamos? A que ponto nós chegamos?* é possível apreender a forma não só como o professor se coloca em relação ao aluno, mas ainda o lugar que ele lhe confere na relação pedagógica.

Para Pereira (2008, p. 6) tais admoestações

implicam num certo posicionamento diante do motivo, da coisa feita e daquele que a fez. Essas frases estão ancoradas em um fundamento que é um certo entendimento da razão, que permite que consideremos a existência de um sujeito que tem razão, outro sujeito que não tem razão e de uma “razão” mediando os dois. E o mundo?. Que fim levou o mundo, a coisa acontecida, que suscitou a ralhada? Foi para segundo plano. Porque ele foi colocado na posição de substrato, de suporte, mas depois foi tirado da conversa. Assim: algo acontece, algo se passa. Há um modo dominante de explicar, compreender e julgar isso que acontece. E é esse modo de pensar que sustenta uma atitude em resposta, como efeito daquilo que acontece. [...]

Essa ralhada é ao mesmo tempo um juízo acerca do que houve e uma afirmação daquilo que lhe serve de referência e que foi desrespeitado.

Como um exemplo de como a ralhada pode operar, escolhi um relato ouvido em uma escola pública e proferido por uma professora ao entrar na sala de aula alunos da 8ª série e considerar que eles não estavam à postos para iniciar o trabalho que ela proferia. Ao mesmo tempo dá conta da força desse discurso quando articulado ao descaso com os alunos.

*P1 - Vocês pensam que eu vou perder o meu tempo e vir aqui para esse fim de mundo para dar aula para um bando de mal educados? (PEPu)*

Os debates a respeito das juventudes estão, outra vez, sendo focados no campo da moral. O que se destaca em muitos discursos é a falta de valores, a violência, a falta de limites. Diante de tantas e variadas faltas imputadas aos jovens, a questão desloca-se do desrespeito à autoridade pedagógica dos professores para o desrespeito à autoridade moral de impor respeito, regras, obediência. Nesse cenário, as questões que envolvem professores e alunos voltam-se muito mais para o que fazer com eles? Qual pena deve ser aplicada a seres que resistem a se tornarem obedientes, estudiosos, comprometidos com os deveres, que os adultos entendem que eles deveriam cumprir?

No dizer de Dayrell (2007, 193) “as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vem ocorrendo na sociedade ocidental, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços”. Nessa perspectiva, ressaltamos que a outrora certeza do reconhecimento da autoridade do professor, entre tantas outras garantias, parece ter entrado em colapso, cedendo lugar a um mundo onde a vida é marcada por inúmeras incertezas.

Para muitos jovens que habitam os diferentes territórios sociais, a vida tornou-se uma incógnita, absolutamente distinta do significado outrora atribuído, quando, mediante o cumprimento de mandatos apriorísticos, assegurava um mínimo de estabilidade. Na atualidade, os cotidianos da juventude são potencialmente capazes de abarcar uma plasticidade que implica ser capaz de encontrar um caminho, ou [des] caminho, quando a vida impõe um corte, uma ruptura, um desvio...

Vive-se, pois, um novo momento, no qual é preciso encontrar uma forma distinta de leitura de mundo, uma vez que os grandes padrões já não cabem e tampouco recobrem a multiplicidade das juventudes que se apresentam diante de nós. Assim, episódios que desestabilizam o mundo adulto que se pensa ancorado em rotinas e segurança passam a ser cada vez mais frequentes.

Épocas como essa, potencialmente ricas, permitem que se intensifiquem as possibilidades de criação e de aceitação das diferenças. Logo, não podemos negar que também comportam, por parte de uma parcela mais conservadora da sociedade, o estabelecimento de contrafluxos, cujo propósito é controlar não apenas seu pânico moral, mas ainda, bloquear, por meio de mecanismos de regulação, a chance de que rupturas entendidas como ameaças se concretizem. Não podemos esquecer, porém, que, nesses casos, a lei pode ser tão produtora de desordem quanto seria a sua ausência, até porque, apela menos às oportunidades ao jovem e mais ao reforço de um modo de vida considerado respeitável e virtuoso.

A utilização, em especial, no que tange à juventude, de medidas repressivas eivadas de um status moral e somada a uma política de linguagem que a descreve como perigosa, violenta, verdadeira ameaça e encarnação do mal, poderá desembocar em soluções que trazem, em seu bojo, a idéia de que é necessário eliminar toda e qualquer possibilidade de sua manifestação.

Não precisa muito esforço para imaginar quão fascista pode ser uma política de linguagem que preconiza como solução para os males identificados, um retrocesso a uma época em que “nada disto acontecia”, na expectativa de que, ao menos por um período, possa abrandar a ansiedade decorrente de um tempo de transformação. Rolnik (1993 p. 85) alerta para a gravidade desses momentos, ao escrever “quando esse tipo de política do desejo prolifera, forma-se um terreno fértil para que surjam lideranças que a encarnem e lhe sirvam de suporte. São os regimes totalitários de toda a espécie”.

A escola instalou-se comodamente nos braços do Estado Moderno que ela ajudou a sustentar. A instituição escolar foi o dispositivo responsável pela “captura” da infância, colocando a totalidade de conhecimentos construídos sobre a mesma, a serviço de moldar um futuro que interessava à sociedade. Nesse lugar privilegiado, acreditou que seria capaz de salvar todos os que a ela acessem pela via da educação. No entanto, foi sacudida pelos ventos das grandes mudanças que a marcaram, desde sua criação até o século XXI, quando sua confortável posição ficou “por um fio”. Os problemas que a narrativa político-pedagógica enfrenta hoje talvez pudessem ser minorados com a disposição de olhar-se de outras formas, reconhecendo suas limitações, desconexões, equivocções, para concretizar a “socialização plena” e para a “formação integral”. Em tempos de fluidez, a grande contribuição da escola, talvez seja repensar o seu papel e o seu inquestionável compromisso de favorecer a formação de homens e de mulheres capazes de viver e de conviver nesse tempo de incerteza.

### **Ressentimento e má consciência**

É interessante ouvir o que os alunos nos dizem quando se discute a respeito da constante queixa dos professores em relação àqueles que “não os deixam dar uma boa aula”. Esses extratos são depoimentos de alunos da Escola Pública e foram recolhidos em grupos focais:

*P1 - Olha eu acho que tem professores e professores, eles não dando a... eles não dando a qualificação certa para nós, nós no futuro não vamos... que nem o colega disse... fazer vestibular ...o aprendizado nosso vai ser fraco ...por isso que eu acho que a escola tinha de melhorar... Esse professor que diz que ganha mal, reclama, reclama do salário ...*



*entrando em greve por causa do salário e aí, quando eles ganham mais salário tem uma outra coisa que eles começam a se queixar... eles não gostam... de dá aula .*

*P2 - Tem um professor... ã... eu to no primeiro ano. E tem uma colega minha que ta no terceiro. E ela dá a mesma ....Tem um polígrafo, né. Ela dá o mesmo polígrafo nosso para o terceiro ano. E isso que é coisa do primeiro e ela dá no terceiro sendo que lá tinha de dar coisa de terceiro ano... Ela ta nos regredindo. Só pode .... não... de nós ...Ela não gosta de dar aula mas não vai embora).*

Nas escutas feitas não foram poucas às vezes em que os professores se queixaram de seu trabalho, de seu salário, de seus alunos, dos pais de seus alunos, de seus coordenadores. Mas, à semelhança de um mantra que se repete *ad infinitum*, os professores permanecem paralisados, reeditando, todos os dias, as mesmas coisas que os atormentam, nada fazendo para que suas vidas e seus trabalhos sigam outro destino. Há como um “mandato” que os impede de reagir contra quem os ofende, magoa, tiraniza. Bloqueadas quanto à possibilidade de resposta, essas ofensas, essas mágoas voltam-se contra o próprio sujeito. A esse afeto negativo que o ressentido insiste em despertar no outro ao culpá-lo por suas vicissitudes, Nietzsche (2005) denominou “má consciência”.

Na atualidade, ouvimos com frequência maior do que desejaríamos, um discurso que busca responsabilizar primordialmente os alunos (são incompetentes, preguiçosos, sem limite, descomprometidos...) e as suas famílias (são desestruturadas, não impõem limites aos filhos, não olham as tarefas escolares, têm muita culpa porque trabalham demais...) pelo fracasso escolar. Esse fato contribui, ainda mais, para que se perpetue a vontade de não esquecer os agravos e, parece-me, atua como um forte componente para que, envolvido pelo ressentimento, o professor tenha mais dificuldade de questionar-se a respeito de sua contribuição para que coisas que tanto o desagradam sejam criadas. Em verdade, a validação social de muitos discursos nos quais os docentes aparecem como vítimas, acabam por reafirmar sua pretensa inocência diante de uma série de percalços a que se vê submetido.

Os professores, durante a escuta, apontaram como justificativa de suas dificuldades de relacionamento com os jovens, os argumentos trazidos pelas reportagens. Trouxeram um claro testemunho de que “as identidades grupais tão caras à cultura contemporânea criam um campo de crenças socialmente compartilhadas que fortalecem a consistência imaginária do ponto de vista do queixoso e encobrem as manifestações do sujeito inconsciente” (KEHL, 2004, p. 35).

*P1 - Não adianta a gente falar com a orientadora, pois ela sempre dá um jeito de achar uma desculpa para a falta de educação destes alunos. Uma vez um aluno me*

*desrespeitou muito e eu disse pra ele que, dali prá frente, era eu ou ele na aula. Como ele não saiu, eu saí. Sabe o que aconteceu? Ela me ouviu, ouviu o aluno e tentou me convencer que eu é que precisava ter mais jeito para lidar com eles. A reportagem quando fala que o aluno sempre tem razão, porque está pagando, está certa! Eu preciso deste emprego então vou mais é ficar na minha (PEPa).*

Provavelmente, se no caso acima, tivesse havido uma mediação, por parte da orientadora, capaz de não desqualificar o agravo e questioná-lo no sentido de uma positividade, o sentimento fosse outro. Nesse caso, abriria a possibilidade de um espaço para que se operasse uma mudança do lugar do queixoso. Sabemos, no entanto, que nem sempre é fácil abrir mão de um sofrimento que nos coloca na posição de insultado pela maldade de um outro, principalmente, quando pensamos que esse outro, exerce ações de poder sobre nós.

As palavras de uma professora, em um conselho de classe, são exemplares para demonstrar como atua o ressentimento. Desistindo de empreender a luta em prol do que acredita como educadora, passa a desqualificar os jovens com quem trabalha, dizendo que seus alunos:

*P1 - Não querem nada com nada, apesar dos meus inúmeros esforços, pois são extremamente mal educados, fingidos,... (PEP).*

*Como último recurso completa:*

*P2 - Só tenho pena dos bons!(PEP).*

Os bons, os inofensivos, são os que não a contestam e concretizam a prescrição kantiana de realizar correta e pontualmente tudo o que lhes é mandado. Esse desejo de vingança contra os que lhe opõem resistência, que a consciência do professor recusa a admitir, constitui o fulcro do ressentimento. É isso que faz a professora sentir de novo, e outras inúmeras vezes, o rancor que ela não admite possuir em relação aos seus alunos, os quais, por suas atitudes, tornam muito difícil carregar “a verdadeira cruz” que representa ser professor nos dias de hoje.

Assim, quando um professor diz aos seus colegas de ofício, “eles são uns demônios”, nada mais faz do bracejar para manter a crença em sua integridade de bom professor, que não consegue sê-lo. Ele não consegue ser um bom professor, porque seus alunos o impedem, elegendo nesse caso, como seu algoz uma figura mítica contra qual nenhum humano teria potência para lutar. Destaco a força e a importância “do inimigo mau”, para que, em oposição, o ressentido possa sustentar-se do lado dos bons.

Politicamente, o ressentimento parece ocupar mais destaque naquelas sociedades, onde, apesar dos esforços da democracia para assegurar condições de igualdade de direitos

para todos os cidadãos, não consegue esbater as profundas desigualdades decorrentes das grandes diferenças de acesso aos bens que tornam minimamente, a vida digna. Nessas sociedades, teoricamente, todos têm o direito de julgarem-se iguais, mas as vivências cotidianas atestam um tremendo fosso entre as pessoas. Na atualidade, as sociedades são capazes de gestar uma carga muito importante de ressentimento que se esparrama pelo tecido social. Por isso, a mídia, com reportagens como essa que acabo de analisar, ao reificar as relações humanas, “anunciando apocalipticamente” que estamos, praticamente, em um beco sem saída com os jovens, em nada nos ajuda.

Certamente, não temos respostas prontas para os embates diários que acontecem entre as gerações. No entanto, talvez fosse importante olhar para as transformações que estão acontecendo na cultura juvenil, não tanto pelo viés moralizante, mas pelo ponto de vista produtivo que nos oportuniza novas possibilidades de socialização, por meio das quais, talvez, não precisemos tanto do ressentimento, porque, diferente do que hoje acontece, conviver e tolerar a diferença exige, pelo menos, que se abra mão de cobrar eternas dívidas que nosso deverdor sequer sabe que tem conosco.

### **Nostalgia da lei**

. O saudosismo expresso pelo grupo de professores da Escola Pública reflete o desconforto docente,

*P1 - Na minha época, não tão distante, não era bem assim...*

*P2 - A gente acreditava mais na palavra do professor....*

*P4 - A gente tinha respeito pelo professor... A gente tinha, não sei..*

*P1 - Respeito. É isso a gente respeitava o professor. Na minha família a minha mãe não admitia eu falar mal do professor. Nem em casa.*

*P2 - É nesse tempo, não se entrava na justiça contra os professores...*

Uma questão interessante a ser considerada é a origem desse sentimento de inadequação, de estar fora do lugar. Uma das hipóteses bem pode ser o fato de que a escola surge para dar conta da tradição, da transmissão de um legado cultural que uma geração passa à outra e perpetua-se no tempo com um ideário que pouco mudou, desde então, especialmente, nas suas práticas cotidianas (em que pese à mudança dos discursos). Levando muito a sério, desde sua criação na Modernidade, essa verdadeira “vocação”, observa-se que o espaço escolar é um dos que mais resiste a se constituir em um território de inovação, de ousadia e de experimentação.

Como o professor, muitas vezes, não consegue se apropriar das mudanças, entre outras razões, porque a sua formação muitas vezes, ainda segue , pautando-se por parâmetros que não acompanham as crescentes e velozes transformações, esse sentimento de que algo está fora do lugar, insiste em se apresentar. Em todos os níveis de ensino, docentes em número bem significativo não aceitam o fato de que é preciso rever determinados parâmetros (obediência incontestada, não questionamento) que estavam mais adequados há um tempo que já ficou para trás. Essa dificuldade para acompanhar as transformações e a insistência em fazer valer uma cultura construída em saberes hierárquicos vem, entre outros fatores, favorecendo o permanentemente confronto com os alunos.

Exercitando o pensamento maniqueísta, mediante a comparação que leva a colocar em significativa desvantagem a Escola Pública em relação à Escola Particular, a reportagem afirma: “Se o professor de escola particular precisa ter jogo de cintura para lidar com a falta de disciplina o da rede pública precisa ser pós-graduado em regras de sobrevivência” (Reportagem, p 66. ).

O diálogo com alunos da escola pública mostra quão arguta pode ser a percepção do jovem em relação a seus professores:

*P1 - Para mim professor bom é aquele que faz questão do aluno aprendê. Então ele explica, tem paciência. Sabe que a gente trabalhou o dia inteiro e que às vezes ta muito cansado. Mas quando o professor ajuda o aluno, a gente ajuda. Agora tem outros aqui que não são assim. Eles te dizem: qué aprende, aprende. Não quer, azar o teu, pois eu já aprendi.*

*P2 - Acho que quando um professor passa a vida... estuda e no final diz que tem que ser especialista em teste de sobrevivência a auto estima dele ta muito baixa. Imagina o que vai acontecer nesta aula. Vai acontecer uma desvalorização geral: eu não te respeito, tu não me respeita.*

Insistindo no julgamento universal, a reportagem, amparada em uma lógica que ajuíza o outro a partir de um único olhar, classifica todos os professores em dois grandes grupos: os sobreviventes e os que têm jogo de cintura. Sobreviventes remetem-me a pensar nas situações a que somos submetidos, independente de nossa vontade e que, por isso mesmo, coloca-nos em situação de vulnerabilidade extrema, acompanhada, na grande maioria das vezes, de nossa total submissão à vontade do Outro. Somos sobreviventes de Hiroshima, do Holocausto, e agora, de acordo com a reportagem “Com medo dos Alunos”, de nossas Escolas! Em outras palavras, os professores da Escola Pública estão na categoria de “sobreviventes”, porque não tiveram “jogo de cintura” para sair deste grupo. Estar na Escola Pública equivaleria,

praticamente, a uma condenação que precisa ser mitigada pela exposição continuada e da qual só tem uma forma de se livrar.

O depoimento de uma mãe de Escola Particular evidencia não só a potência do vaticínio feito, mas ainda, que o esforço feito pela reportagem no sentido de convencer o público leitor de uma verdade, que não residia nele, não foi em vão.

*P1 - Eu tenho um conhecido em São Paulo que ele é professor no (...) não sei você conhece o (...)? Aqui é menor, mas, em São Paulo é a maior escola, milhões de alunos em cada turma e esse meu amigo pra entrar..... pra admissão no colégio como professor... o teste que eles fazem é /... é sentar numa, é dar aula para uma turma de todos os professores e esses professores que tão assistindo a aula eles fazem as piores coisas que eles passam nas aulas então... o teste deles é teste de fogo né, porque mandar de tudo em cima desse cara porque se é esse tipo de coisa que eles passam nas turmas, nas salas você tem que ser preparado de uma outra maneira pra ser professor hoje em dia, né... eu acho que você precisa de um além da faculdade, além do seu diploma você precisa de um outro tipo de apoio constante, porque não é possível (PaEPa).*

Mas...e os jovens? Como ficam?

Acredito que as estratégias usadas por jovens alunos da Escola Pública para dar conta das dificuldades apontadas certamente não irão se estruturar em um vazio. É preciso, pois, que saibamos que os jovens "não jogam apenas um jogo com regras dadas à priori, jogam-no com a capacidade estratégica de aplicarem seletivamente as regras disponíveis e mesmo de inventarem e construírem novas regras" (LIMA, 2001, 94).

O extrato a seguir mostra-nos o quanto os jovens das classes populares sentem-se discriminados e injustiçados Apontando para a diferença de tratamento dispensado aos seus pares que frequentam um colégio particular, os jovens da Escola Pública identificam, com exatidão, o fato de que as práticas pedagógicas guardam uma relação muito íntima com as práticas sociais, em especial, quando envolvem aspectos relacionados ao uso da lei. Ao falarem, os alunos da Escola Pública anunciam a importância de que injustiças sejam superadas.

*Pesquisadora – Vocês leram uma frase nesse texto... “O professor da rede pública precisa ser pós-graduado em regras de sobrevivência”. O que acham disso?*

*P1 - Eu acho que é difícil tu... Da escola pública, né...*

*P2 – Sim... Tá dizendo é da escola pública.*

*P3 - Que ele... Ele quer dizer que a... Que é difícil conviver com... Com os alunos que... Com os alunos que tem menos dinheiro, com os mais pobres. Que aí tem que ser*

*“perito em convivência”, porque é difícil tu conviver com um pobre, porque eles tão... Dizendo que os pobres são os que não tem educação, e rico tem... Mas não é assim... (JEPu).*

Chamo a atenção para a troca operada pelos alunos. O texto referia “perito em sobrevivência” e eles - alunos da Escola Pública (JEPu) - mudaram para perito em convivência. Conviver remete a viver junto. Alude necessariamente ao exercício da tolerância, que implica ser capaz de aceitar múltiplo e que “postula a necessidade de estarmos disponíveis para a diferença em nós mesmos. Logo, precisamos estar disponíveis para a diferença no outro, nos outros” (PEREIRA, 2003, p.30).

*P1 – É que na escola particular eles guentam tudo, para os alunos, se é um aluno joga cadeira, se faz isso ou faz aquilo. Agora no... no público não... eles...*

*P2 - Se tu joga cadeira num professor, faz alguma coisa, tu já vai para o DECA...*

*P3 – É... Vai expulso do colégio...*

*Pesquisadora – Por que vocês acham que os alunos vão para o DECA quando estão na escola pública e quando estão na escola particular não vão?*

*A - A sociedade esconde isso aí... Porque a pública...*

*S - O pai do aluno da escola privada não vai deixar o filho dele... Ir lá pro DECA, lá... Tipo fazer uma ficha... Para eles... Tipo tem que fazer... Sociedade... Eles não podem ter uma falha... (JEPu).*

A exigência de punições exemplares em especial aos mais pobres, o verdadeiro clamor da sociedade como um todo, por maior rigor nas escolas no que tange à disciplina, o discurso grandiloquente da necessidade urgente de mais controle dos jovens está em quase todas as vozes. Há que se ter cuidado com as armadilhas que podem advir de um discurso reducionista, que só analisa um lado da questão.

Ao afirmar que estamos diante de sujeitos pouco educados, violentos, sem limites, desrespeitosos, contribui-se para veicular uma forma muito particular de olhar para os jovens. Especificamente, no caso da propalada violência “da juventude”, prepara-se o terreno para que sintamos medo de nossos alunos. Tal postura, que alimenta o temor, reduz ainda mais o espaço de convivência entre professores e alunos.

### **Para não parar de pensar**

.Não é fácil demarcar com precisão o que é a juventude, melhor dizendo, o que são as juventudes. No entanto, é possível pensar na existência de algumas zonas estratégicas da condição juvenil, nas quais as tensões mais radicais da sociedade contemporânea se mostram com maior nitidez. Uma delas bem pode ser a relação dos jovens com a escola.

Além disso, podemos agregar a essa observação o fato de que ainda na atualidade a escola está distanciada da realidade visto que os jovens hoje vão para a escola com outras demandas e outros projetos. Essa constatação acontece tanto na escola particular quanto na escola pública. O que muda é a destinação que se dá a essas demandas. O que fazer quando

os velhos dispositivos que regulavam a relação professor aluno, a relação com o conhecimento, que garantiam a autoridade pedagógica e produziam uma ordem institucional, se corrompem quando não saltam pelos ares e deixam de ser eficientes e significativas na vida dos atores envolvidos? (FANFANI 2000, p. 1)

Este artigo, que não pretendeu ser a resposta definitiva ou apresentar proposições incontestes que dessem conta dos dilemas da juventude contemporânea, Ao longo do texto, destaca-se que por não mais conseguir cumprir as promessas tão caras à Modernidade, a escola tropeça e revela as suas fragilidades. Trágico palco onde se desenrolam infinitas batalhas, o que se escancara é o esgotamento de um modelo conhecido de habitar a escola e a paralisia para buscar outras formas de convivência as quais não sabemos, de antemão, se melhores ou piores, mas sim, que comportam a aceitação da luta e do risco de estar no mundo.

## **Referências**

- BAUMAN, Zygmunt **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? *In*: VIEIRA, Maria Manuel (org). **Escola, Jovens e Media**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.
- FOUCAULT, Michel **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- KANT, Immanuel **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: UNIMEP, 1996
- KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004
- LIMA Licínio . A escola como organização educativa: Uma abordagem Sociológica . São Paulo: Cortez , 2001.
- MELMAM, Charles. **O Homem Sem Gravidade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud editora, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Rideel, 2005.
- PEREIRA, Marcos Villela Utopias Contemporâneas para a vida coletiva *In* Revista Travessias. UNIOESTE. Programa de Pós-Graduação em Letras Cascavel volume 2 nº 1, 2008.
- REVISTA "Veja". **Com medo dos Alunos**. São Paulo: Abril, ed. 1904, 11 de Maio de 2005.
- ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografia do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ZIZEK, S. **O supereu pós-moderno**. Jornal Folha de São Paulo. Caderno Mais, 1999, p. 7-8.

